

PARSONS

SCWAB

OPERÁRIOS
LAVRADORES
INDIOS
NEGROS
MULHERES

V. JARA

SANTO

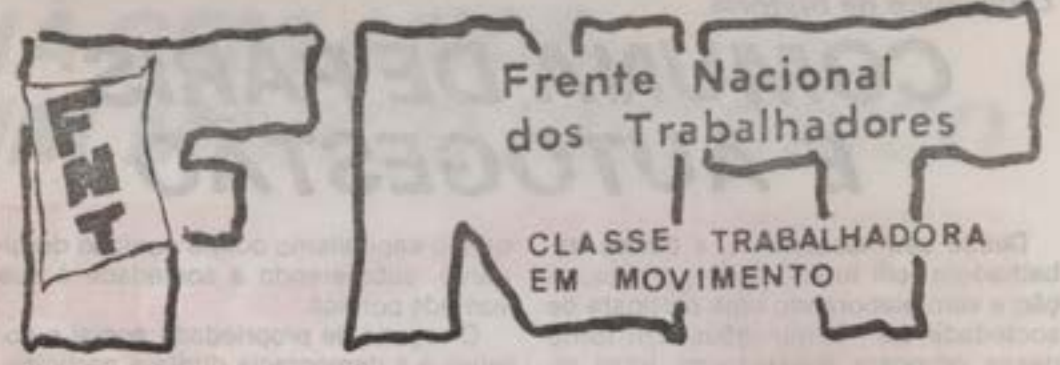
JOSIMO

TRABALHADORES
ASSASSINADOS PELA CLASSE
PATRONAL:

ENGEL

NELSON

ADAO



ESCUTE
DO A VOZ
DO POVO

10 DE MAIO

PRESENTE!

A MINHA DEFESA É A VOSSA ACUSAÇÃO! AS CAUSAS DOS
MEUS SUPOSTOS CRIMES SÃO A VOSSA HISTÓRIA.

August V.T. Spies, perante o tribunal que o condenou à morte.

Um pouco de história

COMUNA DE PARIS E AUTOGESTÃO

Desde seu nascimento, a classe trabalhadora tem lutado contra a exploração e vem elaborando uma proposta de sociedade sem dominações. Em torno dessa proposta aconteceram lutas gigantescas, que mobilizaram milhões de trabalhadores, em todos os continentes. Uma grande parte do debate e da luta atual está relacionada com esta proposta. Na medida em que o capitalismo é incapaz de conseguir bem-estar social e condena os trabalhadores a sofrer a miséria, a classe trabalhadora se volta para o socialismo como única esperança.

Tanto nos países centrais como nos periféricos, a classe trabalhadora constitui um universo amplo, composto por operários, lavradores, bancários, trabalhadores do comércio, técnicos, cientistas etc., cuja ação política de conjunto reivindica, cada vez mais energicamente, o controle dos processos de produção e o controle da distribuição dos bens produzidos.

Desde 1871, os trabalhadores reunidos na Comuna de Paris afirmaram o poder criador das massas em busca de superação do regime capitalista, organizando, na prática, um governo de trabalhadores que plantou as bases de uma nova estrutura social, sem explorados nem exploradores.

Em lugar da velha sociedade, nasceu uma associação de trabalhadores livres, que concentrava em suas mãos a propriedade, orientando a produção com vistas ao bem estar de cada um e de todos os cidadãos, e em função do livre desenvolvimento da sociedade.

Assim, aboliram o trabalho assalariado, base da exploração e raiz dos antagonismos de classe.

Em lugar do capital, nasceu uma associação dos homens livres que destruiu as bases da estrutura social na

qual o capitalismo ocupa posição dominante, submetendo a sociedade à sua vontade política.

O regime de propriedade social e coletiva e a democracia direta a participativa instauradas na Comuna de Paris foram as condições para a substituição da sociedade de classes por uma nova sociedade, sem classes.

Com o desaparecimento das diferenças de classe, o Estado, como um aparelho burocrático e repressivo, destinado a manter os trabalhadores nos limites da sobrevivência, perdeu seu caráter político de instrumento de dominação e foi neutralizado.

A Comuna de Paris foi brutalmente esmagada pelas forças militares francesas. Contudo, a luta dos companheiros, na época, continua acesa, assim, como continua presente em nossa memória a luta dos companheiros de Chicago.

Todas essas lutas da classe trabalhadora voltam hoje à nossa memória para reforçar nossa consciência. Queremos e vamos conquistar algum dia uma sociedade onde não existam patrões nem empregados, onde todos seremos iguais, onde todos seremos trabalhadores.

FRENTE NACIONAL

DOS TRABALHADORES

Av. Ipiranga 1267 - 9º andar

Fones 229-2899 e 229-2031 (011)

Rio de Janeiro:

R. Quintino Bocaiuva 25 s/406

Nova Iguaçu:

Osasco:

R. Minas Bogassian 109

Bahia:

R. Nilo Peçanha 190 - Eunápolis.

HÁ CEM ANOS, UM MARCO HISTÓRICO



Em maio de 1889, quatro companheiros (Spies, Fischer, Engel e Parsons) foram enforcados; um havia sido assassinado na prisão, e outros não aceitavam qualquer liberdade que não fosse incondicional.

Aquele fato não está desligado de toda a história de luta da classe trabalhadora, contra os patrões que exploram os trabalhadores, e em busca de uma sociedade socialista, onde não existam nem explorados nem exploradores. Vale dizer: em construção de uma sociedade sem classes.

Nos últimos cem anos, muitos e muitos companheiros foram assassinados pelos patrões. Cabe, apenas por exemplo, recordar Sacco e Vanzetti, em Bos-

ton; as dezenas de companheiras, a 8 de março, em Cleveland; o companheiro Santo Dias da Silva, em 1979, em São Paulo; e as centenas de sindicalistas e trabalhadores rurais, ao longo dos últimos anos, por todo este Brasil.

Torturas, assassinatos, prisões, fazem parte da repressão à classe trabalhadora; fazem parte da sua história pela libertação política, econômica e social.

A nossa luta começou no momento em que se estabeleceu a primeira relação de exploração; teve um marco inescusável há cem anos; continua hoje; e acabará quando construirmos a SOCIEDADE SOCIALISTA AUTOGESTIVÁRIA, isto é, sociedade sem classes.

A LUTA DOS TRABALHADORES, HOJE

Diante do 1º de maio, a FRENTE NACIONAL DOS TRABALHADORES—F.N.T. considera:

- A dura realidade imposta pelos patrões e seu governo, contra classe trabalhadora, com alto custo de vista e uma política de arrocho salarial;

- O processo constituinte, profundamente loteado pelos interesses dos poderosos grupos econômicos, nacionais e estrangeiros.

- A política do governo da Nova República sobre a dívida externa, radicalmente comprometida com o F.M.I.—Fundo Monetário Internacional, que nos está levando a uma recessão econômica e impondo desemprego pior do que já enfrentamos de 1981 a 1985;

- O importante papel que deve ser assumido pelo movimento sindical brasileiro, frente a essa situação; lutar para organizar-se, inclusive superando as suas próprias limitações.

Nessa perspectiva, compreendemos que a luta da classe trabalhadora, particularmente no final de 1986 e início de 1987, têm-se mostrado vigorosa, com perspectivas para o futuro.

O governo, aproveitando-se de uma reivindicação dos trabalhadores, convocou, para este ano, um CONGRESSO Constituinte, com o objetivo muito claro de criar uma nuvem de fumaça que encobrisse nossas lutas. Contudo, nós, trabalhadores, revelamos na prática uma clareza política poucas vezes observadas antes na história de nosso país. Ocupando, dentro de nossas possibilidades, os espaços dentro do Congresso Constituinte, não abrimos mão, um momento sequer, de nossas lutas,



de nossas bandeiras, de nossas reivindicações. E vamos conquistando vitórias, principalmente vitórias ao nível organizativo.

Assim foi, importa lembrar, a greve geral de 12 de dezembro de 86, quando (segundo o próprio SNI), pelo menos, 10 milhões de trabalhadores cruzaram os

braços. Isso significa 20% da chamada população econômica ativa. Isso significa a classe trabalhadora ingressando numa luta política clara, contra o pagamento da dívida externa, contra o arrocho salarial, contra o atrelamento sindical.

Mais recentemente, os trabalhadores bancários realizaram a maior greve de

bancários nos últimos 25 anos. 700 mil bancários paralisaram o trabalho durante nove dias. E prepararam-se, mais uma vez, para voltar à greve, no caso de ser mantida a intransigência típica dos patrões.

Na área rural, os sindicatos dos trabalhadores ganham cada vez mais força, e a violência de polícia e jagunços começa a ser contida pela força própria da organização dos trabalhadores rurais que querem e vão conquistar terra para quem nela trabalha, contra a especulação, contra o latifúndio e os latifundiários. Contra, até mesmo, o arremedo de reforma agrária levado pelo governo, com o objetivo último de acalmar o ânimo da luta justa dos lavradores.

Nas cidades, a luta pela reforma urbana do solo cresce, principalmente a partir das ocupações de terras feitas por quem não tem onde morar.

No entanto, nós, trabalhadores, nos defrontamos com vários problemas, de ordem organizativa e de ordem política. Sentimos ainda um divórcio entre a reivindicação econômica imediata (seja ela salarial, seja, de outro lado, a necessidade de terra para morar ou para plantar) e a luta política.

Inegável a dificuldade de se articular uma ação mais contundente, por exemplo, para forçar o pagamento da dívida externa. A importância de tal luta encontra-se no fato de que somos explorados, diretamente, pelo nosso patrão do dia-a-dia, e somos vilmente explorados pelos banqueiros internacionais, que sugam, com a complacência e concordância do governo e dos patrões brasileiros, o nosso suor, através de juros de taxas e risco sobre uma dívida que não fizemos.

Contudo, a nossa luta avança, o nosso processo organizativo cresce, a nossa consciência evolui. Nós, trabalhadores, temos, neste ano de 1987, até o próximo 1º de maio, uma tarefa enorme: fortalecer a nossa classe, para avançar rumo a conquistas mais duradouras.

CONSTITUINTE SEM POVO
NÃO CRIA NADA DE NOVO.



Plenário Pró-participação
Popular na Constituinte

Para a classe trabalhadora, uma Assembleia Nacional Constituinte só pode ser soberana, com a livre e direta participação de todos os trabalhadores, enquanto classe, através das suas várias formas de organização (associações de moradores e posseiros, sindicatos, partidos políticos etc). Uma Constituinte livremente eleita pelos trabalhadores a partir dos interesses de classe garantiria o debate e a decisão das questões mais profundas diretamente ligadas aos seus reais interesses em todo os níveis da vida nacional (política fundiária, econômica, salarial, educacional, cultural e de lazer, transporte coletivo, habitacional, de saúde, de habitação, alimentação e industrialização etc).

O que temos aí é um Congresso Constituinte, comprometido com os interesses dos grandes poderes econômico, nacional e estrangeiro. Para ampliar esse quadro, o Congresso Constituinte, já funcionando há três meses, está sendo obrigado a trabalhar ao lado das constantes ações dos militares,

que não abrem mão de intervir nos assuntos de ordem interna (como ocupar refinarias e embarcações onde os trabalhadores estavam em greve).

Contudo, apesar dos limites do Congresso Constituinte, depois de dois anos de luta persistente, as entidades que integram os Plenários Pró-participação Popular na Constituinte obtiveram uma vitória: foi incluída no Regimento Interno a INICIATIVA POPULAR.

Esse dispositivo, pelo qual conjuntos de 30.000 pessoas poderão apresentar emenda ao projeto de Constituição, começou a ser elaborado no Plenário de São Paulo em outubro de 1988.

As emendas apresentadas sob a forma de INICIATIVA POPULAR poderão ser apresentadas até 1º/junho próximo. Até esta data, nada impede que as propostas elaboradas sejam apresentadas às comissões temáticas, antes de serem colhidas as 30.000 assinaturas que permitirão que elas entrem como INICIATIVA POPULAR na etapa de discussão em Plenário da Constituinte.

COMO ORGANIZAR A PARTICIPAÇÃO

... É MUITO SIMPLES

Organize onde você mora, trabalha ou estuda, no sindicato, na Igreja, um grupo para se reunir e conversar sobre a constituinte. Está criado um "plenarinho constituinte".

O GRUPO VAI RECEBER:

- informações sobre o que está acontecendo em Brasília.
- informações sobre as mobilizações que se organizam, às quais o grupo poderá se integrar.
- informações sobre as tendências e comportamentos dos constituintes eleitos.

ASSIM SEU GRUPO PODE:

1. Manter-se atualizado.
2. Fazer pressão para que os interesses do povo sejam defendidos:
 - elaborando propostas para os constituintes
 - Sugerindo mobilizações para motivar a comunidade local ou estadual
3. Ficar ligado e articulado com os demais plenarinhos e movimentos de participação popular na constituinte, através do Plenário Pró-Participação Popular na Constituinte.
4. Propor outras iniciativas.

COMO FUNCIONAR:

- Marque com seu plenarinho lugar e dias certos de reunião, na freqüência que for possível.
- Envie para o Secretariado do Plenário Estadual o nome de um representante do grupo, seu endereço e telefone para contato.
- Se necessário, chame alguém do Plenário Estadual para troca de experiências.
- Mande sempre que possível alguém para participar das reuniões do Plenário Estadual.
- Divulgue, através de rádios, jornais, TV, boletins, etc..., as atividades do seu "plenarinho constituinte".
- Convide os constituintes de sua região para falar sobre o trabalho no Congresso.

Dedicamos esse trabalho
à memória do companheiro
Santo Dias da Silva,
assassinado pela polícia
a serviço dos patrões no
dia 30 de outubro de 1979,
em plena greve metalúrgica
em São Paulo, e à memória
do companheiro Raimundo
Ferreira Lima, líder
camponês, assassinado
por jagunços a serviço
dos latifundiários em
29 de maio de 1980.

Todos os Santos
Meu canto é faca cega
que se afia na lima de
todo dia
Meu dia é fogo, é água
que apaga e acende o
nosso amor
E o nosso amor que é
tanto explode em minha
voz
Faz renascer um morto-
Santo
Enxuga a lacrimogênia
dor
E por todos os Santos
Por todos os cantos
Desfila nas ruas
Toma praças
Com êsse grito de amor
que é tanto...
(poesia de Tim Urbinatti)

Participa deste trabalho o CENTRO DE INTERCÂMBIO
DE PESQUISAS E ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS-CIPES
Rua Ática, 319 - Jardim Brasil - Tel: 240-9392

C. mai. l. a. p. 1 D=42
COLEÇÃO DO PEÃO Feito para girar

1º DE MAIO



Centro de Estudos Operários
SANTO DIAS DA SILVA



No rádio: "...
horóscopo de hoje. Antes,
vamos escolher a palavra
do dia. Hoje, 19 de maio,
dia internacional dos
trabalhadores, a palavra
do dia é: coragem!"

Era 19 de maio de 1980.
O dia amanhecia claro,
ensolarado, o céu
profundamente azul. A
greve metalúrgica em
São Bernardo atingia
seu 319 dia.

De vinte em vinte
minutos, a programação
era interrompida e,
diretamente de São
Bernardo, o repórter
transmitia as notícias:
"... além de um forte
esquema policial,
existem barreiras nas
principais vias de
acesso a São Bernardo,
provocando
congestionamento de
até dois quilômetros..."

Nos bairros da periferia, em São Paulo, estão chegando os primeiros ônibus alugados pelo povo para se deslocar a São Bernardo. As equipes responsáveis estudam os roteiros alternativos, o objetivo é furar o bloqueio policial.

São 8:00 h, na Igreja Matriz começam a chegar as primeiras famílias de metalúrgicos. O coronel Rigonato, comandante da tropa de choque, aponta pedras soltas espalhadas no calçamento:

- Soldado, tire essas pedras daqui !

Desde o dia 28 de abril, segunda-feira, em toda a grande São Paulo (São Paulo, ABCD, Osasco, Guarulhos) foram distribuídos quase um

milhão de folhetos convocando o povo para as comemorações do 1º de Maio em São Bernardo.

Às vésperas do 1º de Maio, as autoridades do governo, através dos jornais, rádio e televisão, proibem a utilização do Estádio de Vila Euclides, o Paço Municipal, a praça da Igreja Matriz e ameaçam reprimir as manifestações.

Cria-se um verdadeiro clima de medo, várias pessoas são presas distribuindo o folheto de convocação. Dirigentes da chamada Unidade Sindical passam a defender a idéia de fazer a comemoração na Praça da Sé, em São Paulo.

A reunião decisiva, realizada na noite do dia 30 de abril, foi longa e tensa. Os argumentos da Unidade Sindical de que

os trabalhadores deviam recuar não foram aceitos pelos dirigentes grevistas. Foi mantida a decisão de fazer a comemoração em São Bernardo, "com polícia ou sem polícia".

Era o comentário de um companheiro da comissão de salário, em São Bernardo, pouco antes da reunião:

- Na hora em que o governo intervém no sindicato, prende os nossos dirigentes, impede a retomada das negociações com os patrões e reprime nosso movimento justo e pacífico, a luta deixa de ser só nossa, dos metalúrgicos de São Bernardo. Agora a luta é de todos os trabalhadores e de todo o povo brasileiro. Se 1º de Maio significa um dia de luta, não podemos

recuar agora. Se nesses 30 dias de greve nós, metalúrgicos, demos um grande exemplo de união, coragem e firmeza, esse 1º de Maio, esse dia de luta tem que ser uma grande demonstração de união, coragem e firmeza de todos os trabalhadores. A luta é de todos e o centro da luta é São Bernardo, com polícia ou sem polícia!

São Bernardo do Campo foi transformada numa praça de guerra. O Paço Municipal, além de centenas de policiais e cavalariáns, foi cercada com cordas, isolando toda sua extensão. Na Vila Euclides, toda a área foi tomada e ficou sob controle. A praça da Igreja Matriz foi cercada com cordas e

soldados a cada dois metros. A região é dividida em áreas de controle, as ruas Rio Branco e Padre Lustosa são ocupadas por dois carros do Corpo de Bombeiros, sete caminhões de transporte de tropas da PM e dezenas de viaturas do DOPS, DOI-CODI, Polícia Federal, tático-móvel, rádio-patrolhas e polícia civil (DEIC, DEGRAN).

Calcula-se que são 8.000 policiais. Armas de todos os calibres, bombas, cassetetes ("aroeira tamanho família"), cavalos, cães pastores, etc. Tudo isso reforçado pelos "tatu" e "brucutu", carros blindados de combate da PM.

São 8:30 h. Metalúrgicos chegam à Igreja Matriz em grupos cada vez mais numerosos. Em pouco tempo, já não há mais lugar dentro da Igreja. 9:00 h, chega o

coronel Braga e assume o comando. D. Cláudio Hummes inicia os preparativos da missa, a única solenidade permitida até esse momento pras comemorações do 19 de Maio em São Bernardo.

São 9:15 h, começa a celebração. Doze viaturas da ROTA ocupam a rua São Bernardo, bloqueando um dos principais acessos à Praça da Matriz. Mesmo assim continua chegando gente de todos os cantos, trabalhadores trazem suas esposas e filhos com bandeirinhas verde-amarelas de papel e flores nas mãos. Em silêncio, falando baixo, como se estivessem chegando a um território ocupado por forças inimigas, os operários e suas famílias vão lotando a praça, as calçadas e ruas vizinhas.

Uma mulher grávida passa,



com uma criança no colo, entre policiais com fuzis nas mãos e bombas de gás lacrimogênio na cintura. Nos céus surge o helicóptero do Exército, dizem que o general Milton Tavares, em pessoa, está comandando a operação.

São 9:34 h, soldados tentam dispersar cerca de 200 pessoas que ocupam um trecho da rua Padre Lustosa. Os comandantes, também com equipamento de choque, recomendam não pôr as mãos no povo... por enquanto.

- Vamos circular, vamos circular !

- Que circular o quê ! Vocês pensam que são os donos do mundo ? Não vê que aqui tá cheio de mulher e criança ? Por que essas armas, essas bombas ? Aqui não tem bandido não !

- Vamos circular !

- Não vou circular, e se quiserem que eu saia daqui ... vem me pegar !

O coronel Braga parece nervoso. À medida que vai chegando mais gente, mais ele se impacienta. Afinal, desde as primeiras horas da madrugada, as forças de segurança haviam montado um fantástico bloqueio pra isolar São Bernardo.

Alguém escreveu há muito tempo: "... é a própria polícia quem, muitas vezes, começa a imprimir à luta econômica um caráter político, e os próprios operários aprendem a compreender ao lado de quem está o governo".

A passeata era pra ser a "caminhada da família metalúrgica", uma manifestação exclusiva dos metalúrgicos em greve. Estava programada pra ser

precedida por 30 padres paramentados, as crianças com bandeirinhas verde-amarelas, depois as esposas dos metalúrgicos com flores (cravo e rosa) nas mãos e, em seguida, fechando a passeata, viriam os metalúrgicos.

Entretanto, a ação policial impediu que os trabalhadores vindos de São Paulo se juntassem no Paço Municipal como havia sido planejado. Todos se dirigem à Praça da Matriz. Já são cerca de 50.000 manifestantes e continua chegando gente por todo canto.

Dentro de pouco tempo a própria polícia fará com que a "caminhada da família metalúrgica" se transforme na maior manifestação política do povo contra a ditadura militar nesses últimos 16 anos.

- Minhas ordens são para reprimir - diz o coronel Braga a um grupo de parlamentares. É impossível deixar de pensar nas conseqüências de uma repressão naquele momento. A tensão cresce quando os policiais da tropa de choque armam as bombas de gás, ajeitam os capacetes, empunham os seus escudos e se colocam em posição de combate.

Há 94 anos, na Praça do Mercado acontecia o massacre de Chicago. Nessa praça, em 1886, os trabalhadores realizam uma manifestação pela lei de 8 horas, proteção ao trabalho da mulher e do menor e melhores condições de vida - 5 milhões de trabalhadores estão em greve geral em todos os Estados Unidos.

A polícia reprime com

violência, vários trabalhadores morrem. No dia seguinte, em protesto, é feita uma nova manifestação. Novamente a polícia reprime e os operários reagem. Morrem trabalhadores e policiais. São presos os oito operários que falaram no comício.

São julgados pelo mesmo tipo de tribunal que julgou ilegal a greve metalúrgica, o tribunal dos patrões. Quatro desses companheiros são condenados à morte por enforcamento. É dia 19 de maio de 1886. Essa data é comemorada pelos trabalhadores do mundo inteiro. É uma homenagem aos mártires de Chicago, é dedicada à memória de todos aqueles que tomaram na luta da classe operária.

19 de Maio de 1980. São 9:50 h, metalúrgicos abrem as faixas:

"40 HORAS SEMANAIS
LIBERDADE SINDICAL"

- Se não soltar o Lula, ninguém vai trabalhar !

O coronel Braga ordena, através do megafone, que os trabalhadores abaixem as faixas. É vaiado.

Os policiais atiram as primeiras bombas, alguém lembra que há crianças no local. A resposta do tenente: - Lugar de crianças não é aqui !

- Senta, senta ! - grita um grupo de trabalhadores. Ninguém consegue ficar sentado. Os operários reagem. Chutando, segurando com jornais, devolvem as bombas pros policiais, e de quebra mandam uma chuva de pedras nos carros da polícia.

Todos choram sob o efeito do gás, as bombas vão e voltam em cima dos soldados. Alguém corre no meio do povo e orienta:

- Não esfreguem os olhos, molhem os lenços e respirem com lenços molhados cobrindo a boca e o nariz.

Uma viatura da ROTA liga a sirene e avança sobre a multidão, que grita:

- Resiste, resiste !

Uma bomba quase atinge uma criança de 4 anos. O pai, um metalúrgico, avança sobre o policial:

- Se essa bomba pega o meu menino, eu te arrebento, seu filho da puta... por que aí já é muita ignorância !

Diz uma mulher com um filho de 3 anos no colo e a filha de 5 anos, segura pela mão:

- Meu marido está aí no meio... Por isso viemos todos; se ele morrer, morre a família toda!

Uma jornalista é ferida, seu sangue mancha a calçada. A barreira policial é reforçada por cães pastores. Na porta da Igreja todos cantam o Hino Nacional.

Alguém diz pra uma mulher que está com uma criança nos ombros:

- Ô dona, a senhora está doida ! Não vê que se acontecer alguma coisa essa criança pode até morrer ?

- Se essa criança morrer, eu também quero morrer, porque eu vim aqui pra ver a luta !

Um grupo de mulheres ao lado, também com crianças, aprovam:



- É isso mesmo !

O tumulto está cessando. O "brucutu" acelera, mas não consegue abafar a voz da multidão, que agora canta:

"Já raiou a liberdade
No horizonte do Brasil
Brava gente brasileira
Longe vã temor servil
Ou ficar a pátria livre
Ou morrer pelo Brasil"

A nuvem de gás se espalha pela praça e o efeito do gás lacrimogêneo se confunde com a emoção: " Ou ficar a pátria livre, ou morrer pelo Brasil".

Cresce a tensão dentro da Igreja. D.Cláudio está celebrando a Eucaristia, de lá de fora chegam ruídos abafados de gritos, bombas, palavras de ordem e o canto dos hinos, ninguém sabe dizer o que está acontecendo. Na

sacristia, os dirigentes da Unidade Sindical procuram convencer os líderes grevistas a desistirem da caminhada:

- Será uma carnificina - dizem. Alguns companheiros vacilam.

A missa termina. Um grupo de parlamentares volta à rua e vai conferenciar com o coronel Braga. Querem a liberação do alto-falante externo da Igreja pra massa receber orientação da comissão de salário. O coronel quer que os parlamentares comuniquem pelo megafone que a passeata foi cancelada.

Um companheiro da comissão de salário corta a conversa e diz:

- Vai ter passeata, sim senhor. O senhor segura os seus soldados, que nós



seguramos os nossos metalúrgicos!

Na Igreja, Néilson Campanholo, único membro da diretoria efetiva do sindicato em liberdade, coloca em votação se sai ou não sai a caminhada: aprovada por aclamação!

São 10:45 h. Na praça inteira corre o bochicho: - ... a passeata vai sair de qualquer jeito. - Néilson Campanholo volta ao microfone e faz um apelo pra que os trabalhadores desistam. Mas já não adianta mais, é impossível segurar.

A massa se move lentamente e grita compassado: - Soldado, irmão, não entra nessa não! Soldado, irmão, não entra nessa não!

- Aí, eu olhei bem nos olhos do soldado que estava

no "espinha de peixe" - conta a esposa de um metalúrgico - e fui gritando, junto com o povo todo: Soldado, irmão, não entra nessa não! Ele começou a chorar e veio me abraçar; disse que o pai dele estava lá na praça, era um metalúrgico grevista. Aí eu comecei a chorar também.

De repente, chegam de uma só vez 15 ônibus. E uma enorme massa sobe a rua Padre Lustosa em direção à barreira policial. O choque parece inevitável.

- Soldado, irmão, não entra nessa não! - a tropa de choque, pra não ficar cercada pela massa, vai abrindo brechas e a massa avançando. Olhos nos olhos. - Soldado, irmão, não entra nessa não!

Quando se juntam, estão na entrada da Marechal Rondon. Agora, só um massacre pode impedir a passeata.

O helicóptero do Exército voa cada vez mais baixo, rente à torre da Igreja, está quase parado sobre a praça: "Satélite para Gama 3". É um comunicado pro coronel Braga (Satélite é o nome de código do helicóptero). Numa fração de segundos, retransmite a ordem pro coronel Rigonato.

- Manda liberar!

- O quê?

- Tudo, está tudo liberado. Passeata, paço, estádio...

Conversa com o deputado Aurélio Peres: -... eles liberaram a passeata, a gente não tem condições de conter tudo isso. -

Aurélio sai gritando pra todos que a manifestação estava liberada.

A massa está explodindo pela estreita rua Marechal Deodoro, já caminharam cerca de 100 m. A greve continua, a greve continua! Confusos, perplexos, policiais de todos os tipos correm pras suas viaturas. Muitos ficam perdidos no meio do povo. É uma verdadeira debandada.

Milhares e milhares de pessoas desaguam de todos os lados na rua Marechal Deodoro, até há 5 minutos atrás coalhada de policiais. São 11:00 h da manhã do dia 19 de Maio de 1980 - e ainda há quem não acredite.

Risos, lágrimas, gritos, palavras de ordem se misturam. São mais de

120.000 manifestantes e a passeata avança. É impossível descrever.

- Abaixo a ditadura, abaixo a ditadura !

Ritmando: - O povo unido jamais será vencido !

Liberdade, liberdade !

O coração parece que vai explodir de alegria.

Gente pulando, gente dançando, gente chorando,

gente cobrindo todos os espaços.

- Avisa o Golbery que a ditadura vai cair !

Avisa o Golbery que a ditadura vai cair !

Conhecidos e desconhecidos se abraçam:

- Olê, olê, os metalúrgicos tão botando pra quebrar !

Jorge, operário metalúrgico de São Paulo, carrega a faixa:

"LIBERDADE E AUTONOMIA PARA OS SINDICATOS "

A companheira Jô levou quase a noite inteira pra pintar em grandes letras vermelhas essa frase que, cobrindo toda a rua, agora abre a passeata.

São centenas de faixas, cada uma delas representa uma idéia, um conjunto de pessoas, uma bandeira, uma entidade. São centenas de faixas, representam o sentimento de oposição do povo brasileiro ao regime militar.

Ritmando com palmas, a multidão grita: - Vai acabar, pá, pá, vai acabar, pá, pá, a ditadura militar!

João e seu filho carregam a faixa:

"SETOR INTERLAGOS APÓIA A GREVE"

Fizeram de madrugada,

nem tiveram tempo de pregá-la num pedaço de madeira, mas carregam-na com orgulho. No rosto do João, também um metalúrgico de São Paulo, não cabe tanta alegria.

- Vai avançar, pá, pá, vai avançar, pá, pá, a unidade popular !

Na avenida Faria Lima estão passando em retirada os caminhões militares e policiais do DOPS, lotando as viaturas. Vão em direção à via Anchieta. A passeata está na metade do caminho pro Paço Municipal. Como um funil, lá na Praça da Matriz uma enorme massa espera a vez de entrar na Marechal Deodoro. O helicóptero militar sobrevoa a multidão:

Aço, aço, aço,
Tem cachorro no espaço.
Aço, aço, aço,
Tem cachorro no espaço.

Faz calor, as portas das casas se abrem. Os moradores, solidários, trazem água pras crianças. São muitas crianças:

- Meu pai tá de greve e prenderam o Lula que é lá do sindicato do meu pai e veio todas as crianças lá da rua onde a gente mora. Olha eles lá!

Pra não dizer que todos os 120.000 manifestantes estavam alegres, havia um de " mau humor", um companheiro da comissão de salários:

- Que que foi, Gansão ?
- Essa ditadura... gás lacrimogênio logo de manhã cedo, pô !! Estragou meu dia !

De novo o povo canta a paródia de "Cirandeiro":
- Chora Figueiredo,
Figueiredo chora
Chora Figueiredo, que chegou a tua hora .

E a passeata acompanha o ritmo caminhando mais depressa. Está quase no Paço Municipal.

Enquanto isso, do outro lado do Paço, no ônibus está chegando mais gente pra manifestação. A última notícia que ouviram no rádio foi de que as ordens da polícia eram pra reprimir a passeata.

Todos estão apreensivos. O ônibus contorna a avenida Kennedy e desce em direção ao Paço Municipal. Está deserta, somente alguns policiais correm, recolhendo as cordas que cercam o paço. A corda enrosca no cavalete e o policial nervoso pede ajuda. Todos olham em direção a Vila Euclides: ninguém.

- O que será que aconteceu? Cadê o povo?

No Paço Municipal, policiais tentam colocar os cavalos nos caminhões, estão apressados e nervosos. O sol forte ofusca a visão. Todos pensam o pior.

De repente, o ônibus breca e o motorista grita: - Olha lá, olha lá!

A imensa multidão, libertando-se da rua Marechal Deodoro, se espalha por toda a entrada do Paço Municipal. Uma enorme massa humana também se desloca pela avenida Faria Lima. Até onde a vista alcança, é só faixas e gente.

Há um momento de indecisão. Prá onde ir? Logo, aos berros, alguém orienta: - Para o paço, para o paço! - Lembra o Roque, ferramenteiro, organizando os piquetes nos

bairros: "Agora que o governo interveio no sindicato e prendeu a diretoria, cada um de nós é um dirigente sindical".

- Para o paço! - Ninguém contesta. A massa compacta segue em frente: - Vai acabar, pá,pá, vai acabar, pá,pá, a ditadura militar!

- A graxa dos nossos macacões uniu a nossa raça e governo nenhum nunca que vai conseguir intervir na nossa união! - diz um operário da Mercedes.

Caminho em direção ao Paço Municipal. Da ocupação policial só resta agora o cheiro forte de excrementos de cavalo. Um grupo de operários reage: - Sente o cheiro? Sente o cheiro? Figueiredo passou aqui, Figueiredo passou aqui! - Todos riem e vão em direção ao estádio.

Grupos de companheiros se encontram. Um teco-teco particular vermelho e branco sobrevoa o paço em vôo rasante:

- Desce daí, Maceeeedoo !!
- Viu só como a polícia correu?
- Já fui lá, pisar na grama do Estádio da Vila Euclides. Que vitória, heim?
- Eu também, mas antes fiz que nem o papa: primeiro dei um beijo na grama.

Estou no Paço Municipal, no mesmo lugar onde, na greve do ano passado, Sacolinha e os companheiros da fábrica Schuler escreveram com letras humanas a palavra "Democracia".

A enorme massa humana continua passando: - Chora Figueiredo, Figueiredo chora. Chora Figueiredo que chegou a tua hora

Já contornam o Paço Municipal e entram na rua Jurubatuba, logo estarão entrando no estádio. Na minha frente milhares de companheiros se desgarram da passeata e caminham em direção a Vila Euclides, cortando o caminho.

É 19 de Maio ! Nesse dia lembramos todos os companheiros que tombaram na luta da classe operária.

"Onde existir a exploração, enquanto existir a opressão, seus gritos e seus exemplos permanecerão vagando no espaço, penetrando na consciência dos operários. Eles nos lembrarão sempre que a luta continua ."

Não sei onde ouvi isso. Me lembro do Santo, Santo Dias da Silva, companheiro metalúrgico, e as palavras que escrevemos no dia do seu assassinato pela polícia dos patrões. Escrevemos enquanto velávamos seu corpo na Igreja da Consolação:

"Pressionados pela fome, os operários fazem greves. Reprimidos, saem às ruas. Assassinados como o companheiro Santo, se multiplicam numa multidão viva e combativa. A classe operária não morre nunca e seu futuro só tem um nome: Liberdade".

Texto baseado em depoimentos e jornais. Destaque especial ao artigo de Ricardo Kotcho publicado na Folha de São Paulo no dia 02/05/1980.